

Aspectos do “Duplo” em *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu

Mestrando. Clóvis Meireles Nóbrega Júnior¹ (UFG/CNPq)

Resumo

“Aqueles dois” foi publicado pela primeira vez na coletânea de contos intitulada Morangos Mofados em 1982. Tendo em vista alguns aspectos teóricos referentes ao conto brasileiro contemporâneo, podemos afirmar que o conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu, que nos propomos a analisar nesta comunicação, oscila entre o que Alfredo Bosi reconhece como uma “quase-crônica da vida urbana”, perpassada pelo “tom quase-poema do imaginário às soltas”, característica que também se evidencia no texto. Assim, além dos elementos referentes à narratologia, essenciais a quase todo tipo de análise de narrativas, pretendemos desenvolver nosso trabalho tendo como suporte crítico e metodológico os estudos referentes à problemática do “Duplo” em literatura.

Palavras-chave: Conto Brasileiro Contemporâneo; Caio Fernando Abreu, Duplo em Literatura, Narratologia, Literatura Comparada.

Caio Fernando Abreu: um escritor da paixão

Na manhã de 12 de setembro de 1948, final do inverno e quase início da primavera, sob o signo de Virgem e a influência de Mercúrio, em Santiago, próximo a Argentina, nasceu Caio Fernando Loureiro de Abreu. Aquele que, anos mais tarde, viria a ser conhecido como o escritor da paixão, do amor, da morte e da solidão.

Ainda bastante jovem, mudou-se para Porto Alegre onde publicou seus primeiros contos. Ingressou para o curso de Letras na UFRGS em 1967, depois no de Artes Dramáticas, mas abandonou ambos para dedicar-se ao trabalho jornalístico no Centro e Sul do país. Colaborou, como jornalista, em revistas como *Veja* e *Manchete* e jornais como *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Folha de São Paulo*.

Morou na Europa (Londres, Paris, Estocolmo), onde se sustentou como lavador de pratos, faxineiro e modelo fotográfico. Em 1983, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro e em 1985 passou a residir novamente em São Paulo. Em 1992, retornou a Paris como bolsista da MEET (Maison des Écrivains et Traducteurs Étrangers).

De regresso a Porto Alegre, dedicou-se a escrever e encenar peças teatrais. Em janeiro de 1994, foi internado no hospital Menino Deus devido a sua doença. Aos 47 anos, no dia 25 de fevereiro de 1996, em fins do verão, morreu portador do vírus da AIDS.

Considerado como um dos importantes contistas da literatura brasileira contemporânea, sua ficção se desenvolveu acima dos convencionalismos de qualquer ordem. Evidenciou, em suas obras,

¹ Clóvis MEIRELES NÓBREGA JÚNIOR, mestrando em Letras e Linguística – Área de Estudos Literários.

(Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística)

E-mail: clovisufg@ibestvip.com.br

uma temática singular, juntamente com uma linguagem fora dos padrões “normais”, até então cultivados na literatura brasileira.

Entre mais de uma dezena de obras, que escreveu ao longo de sua trajetória como escritor, destacamos os romances *Limite Branco* (1970) e *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990); *Morangos mofados* (1982), *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) e *Inventário do irremediável* (1970), contos, além de obras teatrais e destinadas ao público infanto-juvenil.

Os contos “Aqueles dois” e “Sargento Garcia”, que compõem a obra *Morangos mofados*, foram adaptados para o cinema. O primeiro, em 1985, sob a direção de Cesar Charlone, conquistou o 1º lugar no Cine Rio Festival sendo agraciado com o Prêmio Especial da Indústria Cinematográfica. Já “Sargento Garcia” foi dirigido, em 2000, por Tutti Gregianin e levou os prêmios de Melhor Curta Gaúcho e de Melhor Ator no Festival de Gramado do mesmo ano.

Os livros de Caio Fernando Abreu conquistaram uma infinidade de prêmios literários de âmbito nacional. Dentre os quais: o Prêmio Fernando Chinaglia pela obra *Inventário do ir-remediável*; o Prêmio do Instituto Estadual do Livro pelo conto “Visista”; o Prêmio Status de Literatura pelo conto “Sargento Garcia” e o Prêmio Jabuti, em 1985, pela obra *Triângulo das águas*.

O conto brasileiro contemporâneo e o duplo em literatura

De difícil definição, o conto se caracteriza como uma espécie de subgênero, por extensão, do gênero épico. Segundo Angélica Soares,

É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias.

Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida de personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente de um episódio singular e representativo.

Quanto mais concentrado, mais se caracteriza como arte de sugestão, resultante do rigoroso trabalho de seleção e harmonização dos elementos selecionados e de ênfase no essencial.²

Para Alfredo Bosi, o conto brasileiro contemporâneo tem assumido, cada vez mais, formas surpreendentes. “Ora é quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem”.³

Considerando tais aspectos, poderíamos afirmar que o conto que nos propusemos a analisar nesse trabalho oscila entre o que Alfredo Bosi reconhece como uma “quase-crônica da vida urbana”, perpassada pelo “tom quase-poema do imaginário às soltas” que aparece também no texto.

Além dos elementos referentes à narratologia, essenciais a quase todo tipo de análise de narrativas, pretendemos desenvolver nosso trabalho tendo como suporte crítico e metodológico os estudos referentes à problemática do Duplo em literatura. Para isso, a nosso ver, convém apresentarmos um breve resumo, ressaltando, em linhas gerais, a recorrência dessa problemática.

Como afirma Ana Maria Lisboa de Mello,

² SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

³ BOSI, Alfredo. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: _____. (Org.) *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1994.

A idéia de duplicidade do Eu é uma noção antiga e se desdobra em várias acepções, consoante o contexto de que e de onde se fala. Na literatura, o tema do duplo é recorrente porque diz respeito a questões muito inquietantes para ao ser humano. “Quem sou eu?” e “o que serei depois da morte?” São indagações perenes que se projetam na criação artística de todos os tempos e sugerem representações do desdobramento do Eu que pensa e, ao mesmo tempo, é objeto da reflexão.⁴

Nos domínios da Filosofia, o tema aparece na *República*, de Platão. Mais precisamente no Livro VII, onde o filósofo, em um de seus diálogos, apresenta a noção do dualismo, afirmando que todas as coisas conhecidas são o duplo de algo incognoscível ou de uma realidade ideal. Para Platão, na “alegoria da caverna”, a noção de *real* imediato só se concretiza e ganha sentido por ser representação de um outro *real* do qual é apenas uma espécie de projeção imperfeita.⁵

Ainda para Platão, em *O Banquete*, outra variante do duplo é apresentada tendo como ponto de partida o dualismo interior inerente ao homem. Segundo o mito do homem andrógino, ser composto dos dois gêneros: masculino e feminino, o ser humano seria fruto de uma traumática separação, ainda em tempos primitivos, na qual perderam a perfeita harmonia e unidade quando os homens ameaçaram os deuses. Como punição, a concretização de tal cisão em suas naturezas humanas, levaram-nos ao enfraquecimento e à constante busca da metade faltante.⁶

No que concerne à esfera religiosa, Ana Maria Lisboa de Mello esclarece que:

a noção do duplo está na concepção divina, já que Deus, consciência absoluta, cria o universo para nele se refletir. A cosmogênese já implica a idéia de desdobramento. No nível do microcosmo, a crença de que a alma sobrevive ao aniquilamento do corpo é o paradigma da duplicidade e um dos fundamentos das tradições religiosas de modo geral. No antigo Egito, por exemplo, o duplo está na idéia de que o homem nasce com uma espécie de gênio protetor e sábio, o Ka, que o acompanha durante a vida e dele se apossa após a morte.⁷

Em *O duplo* (1914)⁸, Otto Rank, contemporâneo de Sigmund Freud, partindo do filme *O estudante de Praga* (1912), elabora um dos mais completos e interessantes estudos relativos à problemática do duplo. Utiliza, para fundamentar seu trabalho, exemplos que estariam na base de várias culturas populares e primitivas, além de outros, colhidos em vários textos literários representativos da literatura ocidental. Entre os mais diversos aspectos, Rank destaca a relações do duplo com as antigas concepções da alma imortal, com a fragmentação do Eu, estabelecendo analogias com os diversos pontos de vista a esse respeito que aparecem nos muitos textos literários que se propõe a analisar.

Muitos são os autores que se interessaram pelo assunto referente à temática do duplo. A título de ilustração, poderíamos citar: Edgar Morin, no livro *L’homme et la mort* (1970)⁹, Michel

⁴ MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, Freda. CAMPOS, Maria do Carmo. (Orgs.) *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000, p. 111.

⁵ Cf. PLATÃO. *A República*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001, pp. 210 – 214.

⁶ Cf. _____. *Mênon. Banquete. Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro: s/d, pp. 95 – 98.

⁷ MELLO, A. M. L. Op. cit. p. 112.

⁸ RANK, Otto. *O duplo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Coed; Basflica, 1939.

⁹ MORIN, Edgar. *L’homme et la mort*, Paris: Seuil, 1970. (Essais, 77).

Guiomar, em *Principes d'une esthétique de la mort* (1967)¹⁰, incluindo também o filósofo Clément Rosset, na obra *O real e seu duplo*¹¹.

Já no universo da literatura, para ficarmos apenas no domínio da literatura brasileira, poderíamos destacar como exemplos de textos que apresentam a temática do duplo, o romance *Esauí e Jacó* e os contos: “A causa secreta”; “Uns braços”, “O espelho”, “As academias de Sião”, “Trio em lá menor”, de Machado de Assis. Alguns contos de Murilo Rubião, tais como: “Os três nomes de Godofredo”; “O ex-mágico da Taberna Minhota”; “O pirotécnico Zacarias entre outros. De Lygia Fagundes Telles, destacamos os contos: “A mão no ombro”, “Tigrela” e “WM”. Além do conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu que constitui o objeto de análise deste estudo.

“Aqueles dois”: almas gêmeas que se encontram

Narrado em terceira pessoa por um narrador heterodiegético autorial, segundo a tipologia de Gérard Genette, o conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu apresenta em sua composição aquilo que convencionou designar como “duplo por complementação”. A nosso ver, a narrativa apresenta ainda, uma referência direta à teoria do homem andrógino e da cisão da alma apresentada por Platão. Visto que, assim como os homens cindidos em suas essências na obra platônica, os protagonistas de Aqueles dois parecem buscar, ainda que inconscientemente, a sua metade faltante ou “alma gêmea”, acabando por encontrá-la.

Do ponto de vista da diegese, a narrativa de Caio Fernando Abreu, parece apresentar um enredo aparentemente simples. Raul e Saul são dois jovens que chegam a uma grande cidade cosmopolita e acabam se encontrando: ambos haviam passado no mesmo concurso e, incidentalmente, acabam por dividirem a mesma sala na firma onde passam a trabalhar.

O primeiro aspecto que nos chama a atenção neste conto, diz respeito à semelhança do nome dos personagens e às características físicas contrárias que eles apresentam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando.¹²

[...] Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia.

Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos belos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor, mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado.¹³

Tais peculiaridades, relativas aos caracteres físicos dos personagens e à semelhança que os protagonistas revelam em seus nomes, — fato que inicialmente soa apenas como mera curiosidade

¹⁰ GUIOMAR, Michel. *Principes d'une esthétique de la mort*. Paris: José Corti, 1967.

¹¹ ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Porto Alegre: LP&M, 1998.

¹² ABREU, Caio Fernando. Aqueles dois. In: _____. *Morangos mofados*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 133.

¹³ Idem, *Ibidem*, pp. 134 – 135.

— acabam funcionando, no desenrolar da narrativa, como índices referencializadores de que algo existe (ou existirá) entre estes dois sujeitos cujo encontro parecia ser trama do destino.

Ambos são seres solitários e produtos de grandes decepções amorosas e profissionais, acontecimentos que ficamos sabendo à medida que o narrador se encarrega de revelar lentamente o passado de Raul e Saul.

Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol.¹⁴

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos tinham vindo do norte, do sul, do centro, do leste [...]. [...] Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios.¹⁵

O sentimento de fracasso e de intensa solidão desperta nos dois jovens a mesma percepção do espaço de trabalho, reconhecendo-o como um “deserto de almas”. Insígnia que, à medida que intensificam os laços de amizade, reconhecem como sendo ponto-de-vista de ambos. Tal sentimento e percepção, desencadeados em ambos pela atmosfera do espaço, os diferenciam daqueles seres autômatos e destituídos de alma que dividiam com eles o mesmo ambiente de trabalho. Acabam, então, por se reconhecerem um no outro, assim como as metades faltantes ou “almas gêmeas” das quais nos fala Platão.

[...] Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como um “deserto de almas”. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. [...] Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? [...].¹⁶

Os pequenos e fortuitos encontros na copa, para tomar um cafezinho e fumar um cigarro, acabam se tornando momentos prazerosos, os melhores de todo o expediente. Entre um encontro e outro, vão estreitando a relação e acabam descobrindo afinidades, dentre as quais uma espécie de paixão pelo cinema.

Trocam telefones e se sentem aflitos com a ausência um do outro, durante os fins de semana. Começam a se falar constantemente pelo telefone, intensificam os encontros, agora intencionais na hora do cafezinho, freqüentam as festas da repartição, unidos, assim como se fossem, agora, “sombras” um do outro.

Durante esse período, acontece uma fatalidade. A mãe de Raul morre e este viaja para o norte para acompanhar o seu funeral. Nos intermináveis dias da ausência do amigo, Saul parece incompleto e ansioso pela sua volta. Parece destituído de uma parte de si mesmo.

Quando Raul chega da viagem, que pareceu longa demais aos olhos e sentimentos de Saul, o doloroso acontecimento parece aproximar mais ainda os amigos. Entre um abraço apertado, que

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 133.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 134.

¹⁶ Idem, *Ibidem*, p. 132.

durou o tempo de um cigarro se consumir sem ser tragado, Raul parecia inconsolável nos braços acalentados de Saul.

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool.¹⁷

Esse primeiro contato mais íntimo entre os dois, em uma situação dolorosa, parece intensificar ainda mais a relação dos protagonistas. Com o término da primavera e a chegada das festas de fim de ano, ambos trocam presentes e acabam exagerando no álcool. Na noite de trinta e um, após várias champanhes, uma espécie de “desejo” parece tomar forma e se impor de modo grande demais entre aqueles dois.

[...] Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá.¹⁸

Aparentemente uma mera observação, o elogio dirigido de um a outro, parece não significar mais que uma simples constatação referente ao aspecto físico dos dois amigos. Entretanto, o comportamento de ambos, após o comentário, parece evidenciar um algo mais.

Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio e olhos incendiados. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.¹⁹

Intriga-nos o motivo da ansiedade, evidenciada pelo excesso de cigarros, e a insônia que acomete aqueles dois durante toda a noite. Qual o razão de tanta preocupação? Seriam, de fato, almas gêmeas na eminência de se fundirem novamente, apesar do peso social e individual que tal processo acarretaria? A resposta, apesar de evidente, fica ao cargo do leitor.

Apesar de se considerar um escritor pouco comprometido com a realidade social, Caio Fernando Abreu, no conto *Aqueles dois* apresenta uma espécie de confirmação das circunstâncias que envolvem qualquer tipo de relação homoafetiva ou homoerótica, por meio, inclusive, do subtítulo conferido ao conto: “História de aparente mediocridade e repressão”.

Quando começa o novo ano, os dois rapazes são surpreendidos com a notícia de suas demissões. O chefe justifica:

Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada

¹⁷ Idem, *Ibidem*, p. 133.

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 140.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 140.

aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por *Um Atento Guardião da Moral*.²⁰ (os grifos são do autor)

Apesar do enorme desapontamento, ambos parecem maiores e mais altivos diante daquele sujeito que os acusa. Apressam-se em esvaziar as gavetas e retirar os seus pertences daquele “deserto de almas”. Saem juntos, seguidos pelo olhar dos colegas que os acompanham, também, pelas janelas do prédio.

Entram em um táxi, “Raul abrindo a porta para que Saul [entre]”, enquanto alguns outros se encarregam de tecer maldosos comentários. Deixam para sempre aquele lugar “parecido com uma clínica ou uma penitenciária”.

Os colegas de repartição, após a partida de Raul e Saul, pareciam perdidos sem a presença daqueles dois que se assemelhavam a um só — os únicos especiais, possuidores de almas, naquele deserto de seres estranhos e destituídos de sensibilidade. Nas palavras quase proféticas do narrador, aqueles autômatos parecem, agora, punidos pelo destino: “Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro [...]. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram”.

Referências Bibliográficas

- [1] ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- [2] BOSI, Alfredo. (Org.) *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- [3] GUIOMAR, Michel. *Principes d'une esthétique de la mort*. Paris: José Corti, 1967.
- [4] MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, Freda. CAMPOS, Maria do Carmo. (Orgs.) *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.
- [5] MORIN, Edgar. *L'homme et la mort*, Paris: Seuil, 1970. (Essais, 77)
- [6] PLATÃO. *A República*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- [7] _____. *Mênon. Banquete. Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro: s/d.
- [8] RANK, Otto. *O duplo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Coed; Basílica, 1939.
- [9] ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Porto Alegre: LP&M, 1998.
- [10] SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 141.